

NÓTULA SOBRE MARTIM OU MARTINHO (DE)
FIGUEIREDO E ANDRÉ DE RESENDE

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO
Universidade de Coimbra

Abstract: Martim de Figueiredo, professor of the University of Lisbon, published in 1529 a *Commentum in Plinii Naturalis Historiae Prologum* which has been much praised in recent years. But the great humanist André de Resende forgot both the book and its author in the *Oratio pro Rostris* pronounced in the University of Lisbon on October 1st, 1534, where he remembered some of the most remarkable professors of that school. However, in Resende's *De Antiquitatibus Lusitaniae*, posthumously published in 1592, Figueiredo is mentioned as a *iurisconsultus* who had studied Latin in Florence under Angelo Poliziano (d. 1494), but his Lisbon professorship and his book are forgotten. Why? Probably because the *Commentum* was already outdated when it was first printed.

No Prefácio do importante livro da Doutora Virgínia Soares Pereira¹, escrevi: “Em 1529, o desembargador do Paço e professor da Universidade de Lisboa, Doutor Martim de Figueiredo, publica o seu *Commentum in Plinii Naturalis Historiae Prologum*, cuja importância tem sido exagerada por alguns. Trata-se de um comentário modesto, feito ao nível dos alunos, de um texto que, apesar de estabelecido por Ângelo Policiano (m. 1494), já se encontrava desactualizado, quando foi impresso. Cinco anos mais tarde, na abertura solene das aulas do ano lectivo de 1534-35, André de Resende não menciona sequer Martim de Figueiredo.”

Gostaria de juntar algumas considerações a estas palavras.

¹ André de Resende, *Aegidius Scallabitanus. Um Diálogo sobre Fr. Gil de Santarém*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2000, p. 10.

O silêncio de André de Resende é tanto mais notável, quanto é certo que nesse discurso público (que é o que *Oratio pro Rostris* quer dizer), o humanista eborense faz o elogio dos mais significativos professores passados e presentes da Universidade de Lisboa. Ora Martim de Figueiredo tinha falecido há pouco, se de facto faleceu em 1530. E não era todos os dias que em Portugal se publicava um livro com as pretensões do *Commentum in Plinii Naturalis Historiae Prologum*, um livro que parecia confirmar aquela renovação nos estudos das Humanidades que o orador postulava para o País. A verdade é que o silêncio de Resende é intencional.

Também desejo explicar as palavras “escrito ao nível dos alunos”, para quem não tenha lido o livro, isto é, a quase totalidade dos estudiosos, pois alguns que sobre a sua excelência se pronunciaram, nunca o leram. Isto, aliás, não é raro em Portugal.

Mas as palavras “ao nível dos alunos” querem dizer que o latim da exposição didáctica de Figueiredo não é o mesmo elegante latim humanístico de que o autor faz gala em duas cartas do seu livro que traduzi e comentei em *Latim Renascentista em Portugal*, 2ª edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT), 1994, pp. 136-153.

As duas cartas são: *Ioanni Serenissimo Lusitanorum Regi Martinus Figueretus S. D.* e *Martinus Figueretus humanissimis atque acutissimis Lectoribus S. P. D.* e são a fonte da maior parte do que sabemos sobre o seu autor.

As duas cartas, de bom nível literário, são escritas num estilo muito diferente do latim coloquial, desataviado, da comunicação oral que caracteriza os comentários a Plínio do livro de Figueiredo.

Isto faz supor que as aulas eram dadas em latim. Também, como supõe a Dr.ª Maria José de Araújo Ferreira Lopes, não é improvável que o texto de Figueiredo seja baseado em notas tiradas nas aulas pelos alunos. Como conclui a referida investigadora: “Creio ser patente que a intenção de ser útil a todos fez Martinho de Figueiredo passar de comentador de Plínio a professor de Latim...”².

Mas voltando à omissão de Martim Figueiredo do número dos professores

² “Martinho de Figueiredo, editor crítico de Plínio? Algumas considerações sobre as perspectivas filológicas dos seus comentários”, *Actas do I Congresso Internacional Humanismo Novilatino e Pedagogia (Gramáticas, Criações Maiores e Teatro)*, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Braga, 1999, p. 320.

notáveis da Universidade de Lisboa, no discurso de André de Resende em 1 de Outubro de 1534: haveria da parte de Resende qualquer hostilidade contra Figueiredo? É difícil sabê-lo, mas tal não parece o caso. Aliás, o jurista era pessoa amável, avesso a procurar querelas (isso vê-se no próprio *Commentum*) e até gozava da reputação delouvaminheiro. Assim o considera Henrique Caiado, que o conheceu em Itália, e dele fala num epigrama publicado em Bolonha, em 1501.

Não querendo alongar esta nota, remeto para o capítulo “Um epigrama de Henrique Caiado”, *Para a História do Humanismo em Portugal III*, Lisboa, I.N.C.M., 1998, p. 49-52³.

André de Resende falará de Figueiredo, mas a outro propósito, no *De Antiquitatibus Lusitaniae*, que saiu póstumo, muitos anos mais tarde, em 1593. Trata-se até de assunto de grande actualidade, neste mês de Março de 2001: a corrente indomável do rio Douro.

Conta André de Resende: “Nobis adolescentibus, Martinus Ficaretus iurisconsultus et Latinarum Litterarum non imperitus, quibus operam non ignauam sub Politiano Florentiae dederat, cum intelgeret, amota cataracta, posse cymbas usque ad maxime frumentarios Sarabris Senticaeque agros, paruo negotio subuehi, et frumento onustas prono amne redire, non minima laxioris annonae praetenta spe, patriae emolumento, rege permittente, priuatus ipse, et impari tantae rei censu, moliri opus attentauit, bonamque obstaculi partem summo labore irruerat.” (*De Ant. Lusit.*, fol. 73)

Em tradução literal: “Era eu adolescente, Martim Figueiredo, jurisconsulto e não desconhecedor das letras latinas a cujo estudo se dedicara diligentemente em Florença, guiado por Policiano, compreendendo que, removida certa catarata do rio, podiam as barcaças subir com pequeno esforço até os campos, ricos em trigo, de Toro e de *Sentica*⁴, e voltar, descendo a corrente, carregadas de cereal, com o engodo não pequeno de um mercado mais barato para proveito da pátria, obtida a permissão do rei, ele, um simples particular, cujos rendimentos não estavam à altura da empresa, tentou realizar os trabalhos, e rompera já, à custa do maior esforço, uma parte do obstáculo.”

Seguidamente, conta André de Resende que rivais e invejosos se meteram

³ Inicialmente publicado em *Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários In Memoriam Celso Cunha*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995, p. 699-703.

⁴ Cf. Maurice Besnier, *Lexique de Géographie Ancienne*. Paris, Klincksieck, 1914, s.v., que não identifica o nome latino com o de qualquer povoação moderna.

de permeio e malsinaram Figueiredo perante D. João III, apresentando-o como semilouco e perdulário, a tal ponto que o monarca não só negou qualquer ajuda económica mas ordenou a suspensão da obra. Esta só veio a ser concluída no século XVIII, no reinado de D. Maria I⁵.

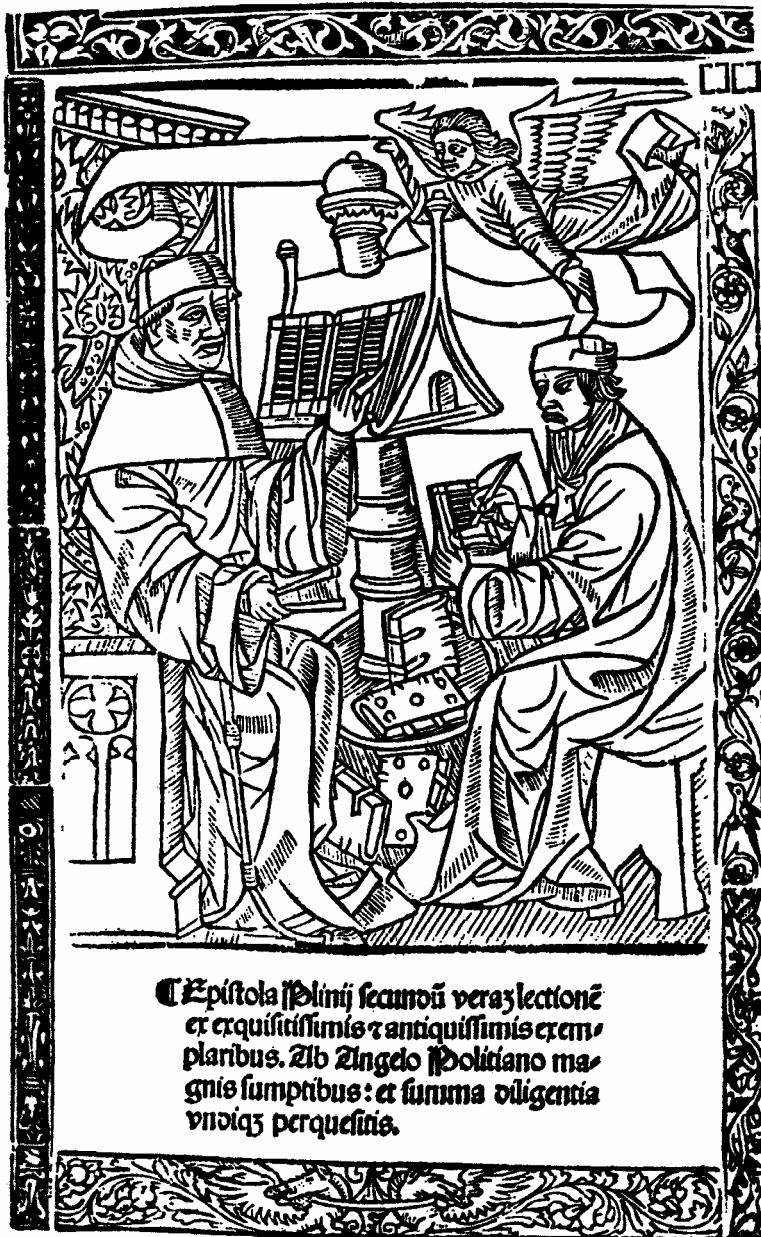
Quanto a Martim de Figueiredo, note-se que André de Resende o trata com simpatia, não isenta, por ventura, de alguma ironia (ao chamar-lhe no trecho aqui omitido *optimus uir*), mas esquece aspectos relevantes da biografia de Figueiredo, como o seu magistério universitário e a autoria do livro pliniano. Exactamente o que fizera na *oratio* de 1534. E isto, apesar de *Commentum* e *Oratio* terem sido impressos na mesma oficina de Lisboa, a de *Germanus Galhard* ou *Germanus Galliardus Gallus*, no curto intervalo de cinco anos.

E no entanto a *Naturalis Historia* do *Plinius Maior* está de contínuo presente no *De Antiquitatibus Lusitaniae*.

Da extensa peregrinação pelo estrangeiro, de que regressara a Portugal em 1533, Resende conhecia certamente edições da *Naturalis Historia*, anteriores à lisbonense de 1529, e mais perfeitas do que esta⁶. Embora se tratasse apenas do livro I e faltasse o corpo da obra, os começos prenunciavam a fraca qualidade do resto. E, naturalmente, o humanista eborense a uma condenação extemporânea preferiu o silêncio.

⁵ Cf. R. M. Rosado Fernandes, *André de Resende, As Antiguidades da Lusitânia*. Introdução, tradução e comentário de (...). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p. 259 n. 106. O texto latino transcrito no presente artigo é o de Évora, 1593, reproduzido em fac-simile por Rosado Fernandes.

⁶ Citei uma edição de Veneza, 1513, em *Para a História do Humanismo em Portugal*, IV, p. 24.



*Gravura de Comventum in Plinei Naturalis Historiae
Prologum de Martim Figueiredo (1529)*